

Como nos constituímos leitores?

Um estudo sobre o livro e as experiências de leitura

Ilsa do Carmo Vieira Goulart
UNICAMP

Resumo: Com o intuito de compreender o envolvimento que ocorre entre o leitor e a leitura por intermédio do livro, a pesquisa parte da premissa de que o livro, em sua materialidade, pode assumir uma posição de objeto desencadeador de práticas de leitura e de reminiscências. Para a efetivação do trabalho, utilizam-se relatos de experiências de leitura através de entrevistas com pessoas que guardaram seu primeiro livro de leitura. As observações dessa pesquisa apontam que a constituição de um leitor não se restringe, apenas, à aquisição da leitura e da escrita ou à sua dimensão decodificadora, mas antes e, em tal medida ao domínio dessa habilidade, estão os sentidos produzidos a partir das diversas experiências de leituras, propiciada por outro leitor e pela interação construída com e sobre a materialidade de um impresso.

Palavras-chave: Livro. Leitor. Leitura. Experiências de leitura.

Abstract: *In order to understand the approach that occurs between the reader and reading through the book, this research starts on the premise that the book, its materiality, can suit the position of a triggering object for reading practices and reminiscence. For the execution of the work, reports of reading experiences obtained through interviews with people who kept their first book of reading were used. The observations of this research point out that the constitution of a reader is not due to the acquisition of reading and writing or to its decoding skill only, but before, and in such a measure to domain this skill, there are the sensations and feelings produced from the various readings experiences, those offered by other reader and by the interaction built with, and on, the materiality of the book itself.*

Keywords: *Book. Reader. Reading. Reading experiences.*

Introdução

Está tudo ali, retido, seguro,
todas as nossas sensações daquele tempo.

E não importa que a gente diga, ué,
como é que eu fui me apaixonar por ele? [o livro]
puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais.

Não importa.

Ele continua a ser o depositário de toda
aquela emoção do passado.

Bojunga (2004, p.49)

Este artigo desenvolve-se com o objetivo de compreender o envolvimento que ocorre entre o leitor e a leitura tendo por intermédio o livro, em sua materialidade. Partindo da premissa de que há algo mais entre a relação leitor-livro, que pode ser desencadeadora de práticas de leitura e reveladoras de sentidos, é possível questionar, assim como na epígrafe, porque o leitor se apaixonaria por um livro? Quais sentidos estariam agregados a tal material, a ponto do leitor declarar sentimentos e atribuir valores por ele?

Nossos estudos direcionam-se para a mesma questão levantada por Manguel (1997, p.143): “há algo em relação à posse de um livro – um objeto que pode conter fábulas infinitas, palavras de sabedoria, crônicas de tempos passados, casos engraçados e revelações divinas – que dota o leitor do poder de criar uma história, e o ouvinte, de um sentimento de estar presente no momento da criação.” Refletir sobre a posse de um livro é questionar: o que poderia haver de expressivo na relação entre o leitor e a leitura, concretizada, marcada e intermediada pela materialidade de um objeto-livro?

Ao trazer para a centralidade da discussão o livro, em seu aspecto substancial e concreto, é considerar que as formas produzem um sentido. Assim, ao tomar o impresso como objeto de análise, evidencia-se o quanto o livro pode ser significativo para o leitor, após a realização da leitura. Tal reflexão permite afirmar que há algo, na materialidade, que o identifica e que o caracteriza, além do seu conteúdo.

O leitor atribui um determinado sentido para o material de leitura, porque há uma experiência que marca toda uma situação ou atividade leitora que o circunda, a qual Goulemot (1996) denomina de *fora-do-texto*, conduzindo o leitor para a construção de um sentido que ultrapassa o significado das palavras, das frases e do próprio texto.

Nesta perspectiva, o artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre o leitor e o livro, a partir da análise de depoimentos de diferentes pessoas que guardaram, durante décadas, um material de leitura. O texto dividiu-se em três momentos de estudo: o primeiro busca, em algumas descrições de diferentes autores reconhecidos na literatura, compreender o envolvimento afetivo vivenciado com/sobre um objeto-livro; o segundo apresenta as concepções teóricas que subsidiam o trabalho a respeito das temáticas: experiência e narrativa, por último, tem-se a exposição e análise dos relatos, de pessoas comuns, sobre uma experiência significativa de leitura a partir de um objeto-livro.

Entre o leitor e o livro: um envolvimento afetivo

Diferentes autores verbalizam sentimentos e sensações de uma experiência significativa da ação leitora. Derramam em palavras ou em versos um envolvimento afetivo com um objeto-livro. Nessa relação entre o leitor e a leitura, o impresso ganha um papel exclusivo, por ele se cultiva uma intensa ligação marcada pela interação físico-afetiva e pelas emoções que surgem dessa relação.¹

1 Cf. GOULART, I. C. V.; FERREIRA, N. S. A. Os sentidos do livro. **CONNECTIVA**, Pouso Alegre, ano V, v.6, n.º9, 7-28, 2007.

Na obra de Lygia Bojunga (2004), *Livro – um encontro*, a autora escreve sobre sua relação com o livro como um envolvimento afetivo, uma cumplicidade, uma espécie de troca de sentimentos que procede através daquilo que ela busca no livro e o que este lhe pode oferecer.

A autora personifica cada livro que marcou sua vida, lhe atribui gestos humanos acompanhados de uma situação de convivência e de relacionamento, tal qual acontece entre pessoas. Nessa relação, os laços de sentimentos de amizade, de amor e de companheirismo unem a leitora a um livro, cuja referência torna-se maior que um simples objeto; é gente que, como tal, olha, caminha lado a lado, ama e pode ser amado.

A cada novo poema, lido ou ouvido no passado, e onde o meu olho batia agora, voltava todo o mundo, todo o espaço onde eu me movia naquela época.

Mil lugares.

Mil cheiros.

Mil sensações esquecidas de dezessete anos atrás voltaram pra mim naquela noite. E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode visitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros com os quais a gente teve um caso de amor. (BOJUNGA, 2004, p.49).

Bojunga refere-se ao livro como pessoa, utiliza de uma linguagem própria para representar atos enamorados entre duas pessoas como “caso de amor”; um flerte, uma troca de olhares: “a gente ficou se olhando um tempão”, ou mesmo, um toque nas mãos seguras de um companheiro: “Eu tinha ido sozinha, mas saí tão... de mãos dadas com Fernando Pessoa.”

Ana Maria Machado (1996), em sua obra: *Esta força estranha: trajetória de uma autora*, também descreve seu percurso como leitora e escritora. Relata uma vida marcada pela presença dos livros e de pessoas queridas e significativas.

O livro, com sua forma e conteúdo, passa a ser um disparador de emoções e fantasias e, graças a esse significado que lhe foi atribuído, torna-se alguém muito especial, um amigo e companheiro. Para Machado, autor e obra se fundem, incorporam-se num objeto-livro: “Mas que maravilha! Então se podia escrever assim? Não larguei o livro. Não larguei o Érico nunca mais, virou um amigo, um autor querido.” (MACHADO, 1996, p.22).

No conto *Felicidade clandestina*, Lispector (1998) cria um personagem – leitora ávida – que, no desejo incontornável de ter, mesmo que emprestado, o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, sofre com a promessa de empréstimo, sempre sistematicamente adiada, feita pela amiga que possuía um exemplar da obra. Depois de muitas idas à casa dessa amiga, quando finalmente a personagem consegue pôr as mãos no livro, emociona-se:

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (LISPECTOR, 1998, p.9).

Para essa personagem, ter o livro-objeto consigo era um marco de uma relação entre leitor/leitura, cujo início firmou-se pela materialidade do impresso. Não bastava para ela ter o livro,

precisava senti-lo em seu corpo, apertá-lo contra o peito. Andava com o livro pela casa, comia junto com ele, fingia tê-lo perdido para depois procurá-lo. O livro estava com ela em atividades preferidas e sentia-o, e esta sensação lhe dava prazer. “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais a menina com o livro: era a mulher com seu amante.”

A forma poética como Drummond (1988), em *Biblioteca verde*, relata e descreve as manifestações espontâneas da criança para adquirir um livro, mostra também algo mais do que uma típica insistência infantil: mostra uma volição pela posse do objeto-livro.

O desejo deixa de ser uma mera veleidade, algo efêmero, momentâneo, frágil, banal, passando a ser impulsionado pela ambição, por um desejo veemente, um sentimento incontido de obter um material inusitado e pouco apropriado – a coleção completa de uma obra –, que não era destinada especificamente para crianças:

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados,
Em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai, me compra agora. É em percalina verde,
Só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar. (ANDRADE, 1988, p.115).

Ter um livro, aquele desejado e procurado para ler, nem sempre se concretiza por um empréstimo ou pela compra legitimada. Manguel (1997), por exemplo, declara em *Uma história da leitura*, o desejo incontrolável de posse do objeto pelos leitores e revela que, aos dezesseis anos, arrumou um trabalho numa biblioteca, sendo sua tarefa diária tirar o pó dos livros:

Infelizmente, muitos dos livros tentavam-me para além da limpeza, eles queriam que alguém os segurasse, queriam ser abertos e inspecionados e, às vezes, nem isto era suficiente. Um poucas vezes roubei um livro tentador; levei-o para casa, enfiado no bolso do casaco, porque eu não tinha apenas que lê-lo, tinha que tê-lo, chamá-lo meu. (MANGUEL, 1997, p.29).

Para o autor, a leitura não consiste em apenas ter acesso ao conteúdo impresso nas páginas do livro; ela também está relacionada ao suporte que acompanha cada edição, ao tipo do material de que é feito o livro, às características que ele contém ou que decorrem de seu manuseio: uma folha rasgada ou dobrada, uma mancha de café são indicadores dos modos como a leitura foi realizada; são indicadores dos gestos de um leitor.

O desejo de posse está ligado à ideia de que cada livro é único, de que ele pode carregar marcas deixadas pelo seu dono/leitor, sugerindo uma cumplicidade reveladora, indícios de uma leitura dominada e possuída.

Manguel também descreve uma de suas experiências de leitura na infância e o que o livro representava para ele. O autor, quando criança, vê o livro e o sente como um objeto de refúgio. A materialidade estável e concreta do impresso permitia-lhe a segurança e o aconchego de um lar:

Como meu pai era diplomata, viajávamos muito. Os livros davam-me um lar permanente, e um lar que eu podia habitar exatamente como eu queria, a qualquer momento, por mais estranho que fosse o quarto que eu tivesse de dormir ou por mais inteligíveis que fossem as vozes do lado de fora da minha porta. (MANGUEL, 1997, p.24).

No livro, *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007), a personagem principal, Liesel Minenger, uma menina, de 11 anos, vive uma história comovente em meio à Segunda Guerra Mundial. Cercada pela pobreza e por inúmeras dificuldades, Liesel encontra refúgio e consolo nos livros. Movida por um desejo muito forte de possuí-los, rouba-os, um a um, e para ela cada objeto-livro continha um significado relacionado a algum episódio ou personagem marcante de sua vida.

Em outra obra, *Capitães da areia*, de Jorge Amado, o personagem Professor rouba livros, não para vendê-los, mas para lê-los. A leitura possibilitava-lhe conhecer outros mundos, outras aventuras, outros heróis, outras histórias para depois (re)contá-las aos colegas:

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa na Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os numa ânsia que era febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heroicos e lendários que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. (AMADO, 1978, p.29).

Borges (1985), mesmo impossibilitado de ver, cultuava seus livros e os preservava – confessava sentir a presença deles. Ao comentar sobre uma coleção que recebeu em 1966, a Enciclopédia Brokhaus, descreve seus sentimentos:

Senti sua presença em minha casa – eu a senti como uma felicidade. Ali estavam os vinte e tantos volumes com uma letra gótica que sou incapaz de ler, com mapas e gravuras que não posso ver. E, no entanto, o livro estava ali. Eu sentia como que uma gratidão amistosa partindo do livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens. (BORGES, 1985, p.10).

A relação entre o leitor e o livro se constitui muitas vezes por augustos sentimentos de afinidade, afetividade, companheirismo e cumplicidade que ultrapassam barreiras como o tempo e a distância ou mesmo limitações físicas do próprio corpo. Manguel (1997) revela-nos um momento interessante que teve com Borges numa livraria:

Uma tarde, Jorge Luis Borges veio à livraria acompanhado de sua mãe, de 88 anos de idade. Era famoso, mas eu lera apenas alguns de seus poemas e contos e não me sentia arrebatado por sua literatura. Estava quase completamente cego, mas recusava-se a usar bengala e passava a mão sobre as estantes como se seus dedos pudessem ler os títulos. (MANGUEL, 1997, p.30).

Nessa relação entre o leitor e a leitura, marcada pelo livro, enquanto objeto físico permeado de valores e sentimentos, cuja concretização se dá pela posse, pela presença e pela

manipulação, o livro torna-se um objeto de aspiração e possuí-lo chega a ser uma necessidade.

Os depoimentos desses autores apresentam um envolvimento afetivo intenso entre leitor e livro, leitor e leitura, que se constitui e se manifesta através de uma relação de proximidade com a materialidade do impresso.

Assim, poderíamos enumerar outras tantas passagens na literatura reveladoras dessa presença do livro como um objeto marcante, como um objeto de desejo ou ainda do que tal livro representaria para os personagens ou seus autores.

No entanto, este trabalho ater-se-á a uma questão um tanto mais direcionada. Tomamos por objetivo compreender qual a função e a dimensão constitutiva que o livro ocupa na relação entre o leitor e a leitura; como também entender os motivos de um material de leitura adquirir um valor tão significativo e os sentidos que lhe são reservados pelo leitor com o passar do tempo.

Os escritores que citamos são consagrados na literatura, por suas obras, pelos talentos, pelos traquejos no domínio e no manejo das palavras; portanto, nada lhes dificultaria a expressão de seus sentimentos por aquilo que se torna a grande razão de suas vidas: o livro.

Contudo, esta pesquisa destinou-se a olhar para pessoas consideradas comuns, sujeitos caracterizados como um “herói comum, personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa.” (CERTEAU, 1994, p.57).

Pessoas que estudaram ou não completaram seus estudos; profissionais atuantes na sociedade ou que já estão aposentados; indivíduos que construíram uma família ou não; enfim, pessoas comuns que não são reconhecidas como famosas ou por terem realizado grandes feitos em âmbito nacional.

Ao constatarmos que algumas pessoas conservavam consigo um material de leitura durante décadas, deparamo-nos com uma situação bastante instigante para o desenvolvimento desta pesquisa: o que levaria esses sujeitos a conservarem um material de leitura durante tanto tempo? Que sentidos estariam agregados a esse material?

Diante dessas indagações, este trabalho se propõe a olhar para o livro, enquanto objeto concreto, como fator proeminente na relação leitor e leitura, diretamente envolvido na construção de um sentido.

Dessa forma, optamos pela realização de entrevistas com pessoas selecionadas, adotando como critérios a idade (acima de cinquenta anos) e a conservação do material de leitura. Ao utilizarmos as memórias de leitura dessas pessoas que conservavam um livro/cartilha/almanaque durante décadas, tornou-se necessário destacar o que aquele material nos revelava no decorrer de cada depoimento.²

Da narrativa à experiência de leitura: em busca de definições

O relato das experiências de leitura aparecem como um mundo a ser (re)descoberto, (re)sentido quer pelo valor de seu texto, pela força que a história tem sobre o leitor, quer

2 Cf. GOULART, I. C. V. **O livro objeto de estudo e de memória de leitura**. 2009, p. 189. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

pelas lembranças de práticas de leitura nele impregnados, quer por tudo que significou em um determinado tempo.

Quando Bauman (2003, p.19) escreve sobre o livro como um diálogo entre as culturas, salienta que o impresso mantém uma relação com o leitor por meio da narrativa, e cria assim um diálogo permanente: “[...] e muito antes que ele tivesse tomado a forma que ficou associada à sua imagem nos últimos séculos, o livro tem sido, acima de tudo, uma narrativa relatada em perpétuo diálogo com a experiência humana”.

A partir dessa definição, do autor, do livro como uma narrativa em confabulação com a experiência humana, pode-se refletir o que seria, ou mesmo, como se daria a proximidade entre experiência humana e o objeto-livro?

Ao trazer consigo uma narrativa, o livro torna-se não muito diferente das narrativas orais que permeiam o convívio social. Segundo Benjamin (1994), ao escrever sobre experiência, mostrará que há uma proximidade entre a experiência vivida e uma narrativa escrita.

Ao narrar uma história, narra-se, também, uma experiência de vida. Os livros ao trazerem consigo escritos narrativos, poderão aproximar o leitor da história, envolvê-lo numa experiência do vivido, mesmo sendo uma ficção, pode provocar-lhe sentimentos e sensações e possibilitar uma identificação com os personagens.

Segundo o autor, as experiências nos foram transmitidas de forma benevolente ou ameaçadora à medida que crescíamos. E não há experiência mais marcante que aquela vivida pelo próprio corpo, experimentada, sentida e depois compartilhada por meio de relatos orais. Um tecer de narrativas de histórias de vida, numa mistura da realidade e com doses do imaginário.

Como nos lembra Mário Quintana (2006, p.60), a narrativa possui a capacidade de nos encantar, de nos enfeitiçar:

Mestra de estilo, feiticeira da arte narrativa, era aquela negra velha que nos contava histórias em pequeninos. Ficávamos literalmente no ar, nem respirávamos quando ela, encompridando a corda, dizia arrastadamente esta longa frase, cheia de nada e de tudo:
– E vai daí o príncipe pegou e disse...

Possuidora de enunciados repletos *de nada e de tudo*, a narrativa esteve sempre presente na história das civilizações, uma linguagem entremeada de contos e de encantos que se misturam num jogo, numa vicissitude e numa proximidade entre a realidade e o mundo imaginário.

A narrativa se encontra infiltrada em meio a uma prática que decorre de um contar e de um ouvir histórias de príncipes e princesas, de assombrações, de seres meio bichos, meio homens, de tragédias, de dificuldades, de viagens, de lutas e conquistas, ao redor de um fogão à lenha, de uma fogueira ou em um alpendre da casa. Resumia-se numa reunião de pessoas que desenrolavam fios de uma narrativa, na qual entrelaçavam histórias e, com isso, asseguravam a atenção do público ouvinte:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará na sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à

inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado cada vez mais raro. (BENJAMIN, 1994, p.204).

O papel que o narrador assume ao contar/ler uma história está em envolver seu público a tal ponto de se gravar o enredo na memória, provocar-lhe uma experiência e instigá-lo ao relato.

Ao trazermos para esta pesquisa o propósito de recuperar histórias vivenciadas com um material de leitura e (re)contá-las, é também recuperar experiências de vida, circunstâncias de leitura decorrentes de um tempo e lugar distinto.

Para Benjamin (1994, p.205), a humanidade já não direciona mais o olhar para as experiências de vida ou para os relatos de histórias, “com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”.

Para o autor, se não é possível vivenciar uma *experiência* de uma narrativa ou como um narrador, isso gera uma situação de pobreza ao desprezá-la ou ignorá-la: “Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a liberdade de toda experiência.” (BENJAMIN, 1994, p.118).

Podemos compreender que a ausência da experiência ou a negação dela, segundo Benjamin (1994, p.119), significa pobreza interna ou externa. Dessa forma, o contrário validaria sua definição. A experiência pode ser compreendida como uma riqueza extraída da vivência humana, o patrimônio de maior valor que se pode adquirir. Isso porque: “Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual” (BENJAMIN, 1994, p.118).

Quando movidos pela ânsia de atingir a plenitude da informação ou informatização da atualidade, deixa de valer a experiência vivida e, em decorrência disso, assume-se um estado de mendicância. A informação traz um significado entremeadado de ser/estar algo recente, novo e tem seu ápice enquanto impera o título de atual, em contradição com a narrativa:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p.204).

Nessa direção, Larrosa (2002) procura definir “experiência”, explorando seis aspectos que a envolvem, que estão ligados à própria palavra. Com isso, busca na etimologia do vocábulo ou nas ideias que o revestem, a presença de algo que necessita de ser vivido e sentido pelo indivíduo: “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” E acrescenta: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca.” (LARROSA, 2002, p.25).

Para esse autor, a experiência não se resume a um acúmulo de saberes; ela é algo além de uma vivência, de uma situação que nos ocorre, e viver uma circunstância não significa para ele

ter uma experiência. Pode-se viajar ou visitar um lugar, mas caso essa vivência não lhe tenha tocado interiormente, tal fato não gera uma experiência.

A experiência está também relacionada a um saber, que é diferente de conhecimentos, na elaboração de um sentido para os acontecimentos, as circunstâncias que nos rodeiam. “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.” (LARROSA, 2002, p.27).

Bem distante da detenção e posse de informação e de conhecimento que se instalou na sociedade contemporânea, na qual se destacam os possuidores pela sua quantidade e sua atualidade, a experiência não gera estoques, ela é a própria ação de se permitir, de deixar-se seduzir pelo olhar, pelo ouvir, pelo toque, por uma aglutinação de sentidos, por uma entrega às sensações, num ebulir de emoções, cuja inteireza do ser consente uma apropriação do fato vivido, um momento em que “a alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo eles definem uma prática.” (BENJAMIN, 1994, p.220).

Se considerarmos esta experiência muito mais do que a vivência de um fato, e sim um deixar-se tomar, possuir-se por completo por um acontecimento ou situação, partiremos então da premissa de que o livro-objeto pode materializar uma experiência de leitura, sentida e experimentada pelo sujeito, num determinado tempo e lugar. Ela é uma forma de conhecimento instalado no momento vivido pelo leitor junto com seu livro.

Talvez a força dessa experiência na sociedade letrada e o valor social que ela carrega, deem à aprendizagem da leitura um significado colossal para o indivíduo, quer pelo lugar e função que os primeiros anos de escolarização ocupam no momento da vida de um indivíduo, quer pelo valor dado a apropriação da leitura como uma prática social.

Talvez isto explique por que o adulto, ao guardar seu material de leitura, ao tentar (re) encontrá-lo ou ao buscar em suas práticas as marcas desse tempo, faça-o envolvido por sentimentos, emoções, narrativas e explicativas.

Nessa experiência de leitura – marcada pela posse da escrita por alguém – qual significado é dado ao objeto livro? O que leva uma pessoa a guardar durante anos um livro/uma cartilha que estudou? Que aspectos e marcas os leitores destacam desse objeto quando diante de um exemplar com o qual iniciaram sua aprendizagem de leitura e de escrita?

Conhecendo as experiências de leitura: desvendando um livro e suas práticas

Estar diante do livro, para as pessoas as quais entrevistamos, é estar diante de um momento da vida que fora intensamente significativo; marcado pelo efetuar de uma prática de leitura que procedeu num ambiente escolar ou não escolar.

Ao relatar-nos sobre o período em que estudou, a senhora E. M., 77 anos, descreve o estudo como um ato de realização pessoal de alegria e prazer: por permitir o domínio de uma habilidade que até então era bastante restrita; por possibilitar a convivência com outras crianças e por propiciar a realização de atividades lúdicas, prazerosas, diferentes de uma rotina cansativa de trabalho da fazenda:

Como foi o primeiro textinho que a senhora conseguiu ler?

E. M. – O... Ele dava pra gente, aqui o... a marca da... do tamanho da lição, mais era pra dá pra ele preparado, então a primeira lição foi essa aqui: *A perereca verde*, e era até aqui só [mostrando no livro]. Ele dava trechinho pequeno, “mais é pequeno não vou dar bastante pra vocês não fazer serviço mal feito, eu vou dar pequeno a lição.” Ele não riscava com lápis pra não fica muito rebocado os livros, então, e... era cuidadoso! Então ele mandava a gente estudar, pra dar pra ele sem errar o nome, pra ler direito.

O que a senhora mais gostava nos livrinhos?

E. M. – Ah, eu mais gostava era essa historinha, o que eu mais gostava, e... eu adorava, volta e meia eu lia, lia o trecho que ele marcava e saía, daqui um pouco eu voltava lá e ia ler a historinha de novo, tinha umas historinhas muito gostosas, sabe, a gente ria, nossa! Às vezes, chamava as minhas irmãs, “vamos estudar um pouquinho agora, pra gente vê?” Uma hora era a historinha da “perereca”, outra hora era a historinha do “lobo” e a gente ficava esperando e começava. Às vezes, a (gente) mexia uma com a outra, insultava que uma era o lobo e a outra a perereca, e assim a gente ia passando pra frente.

O estudo é visto por ela como algo de grande valor para sua vida e isso se deve às aulas na fazenda e o livro tornou possível a aprendizagem da leitura e da escrita. Aquele momento foi tão importante em sua vida que ela guardou todos os livros, sob um enorme zelo e cuidado durante sessenta e um anos, e voltou a eles várias vezes. Um material que lhe possibilitou o domínio das atividades de leitura e escrita, que lhe permitiu o conhecimento, um livro que lhe *abriu os caminhos* para o saber:

O que significa, hoje, pra senhora este livro?

E. M. – Até nem sei como agradecer a Deus, eu fico muito contente de eu estar vendo o que abriu o meu caminho, o livro é que abriu meu caminho, porque eu não tinha... não conhecia nem o A, nós não sabíamos, agora já estudei mais depois disto, um pouquinho, mas eu tenho esses que foram os que me ensinaram no começo, eu fico muito contente e feliz de ainda ter esses pra mim.

Outra senhora, B. G., 60 anos, destaca a aprendizagem da leitura e da escrita como algo muito importante para ela. O domínio destas habilidades significava a independência, a autonomia:

O que marcou a senhora no momento da escolarização?

B. G. – Ah, foi quando eu aprendi que sabia ler e escrever, porque era muito importante, porque naquela época era tudo muito difícil, né, a gente não tinha a facilidade de informações que tem hoje: livros, revistas, jornais, então quem tinha um livro tinha uma joia. Quando eu percebi que já sabia ler foi muito bom, foi muito interessante.

Ler e escrever são ações que ora aparecem como fruição, uma recreação, um divertimento, assumindo a posição de entretenimento, ora como inteligência, num esforço de compreender o texto tornam-se atividades construtoras de sentidos, utilizando-se das ilustrações presentes no impresso.

Lembra quando chegou o livrinho...

B. G. – Ah, sim, foi uma festa. É... fizeram uma festa, muito interessante, e foi, assim, passado os livros um a um para cada criança, como eu falei, quem comprou, recebia, quem não comprou recebia da mesma forma, então, era um evento, assim, para todos iguais, e aquela era uma alegria, de pegar, de tocar e de saber que tinha um livro na mão.

O que a senhora mais apreciava no livrinho?

B. G. – Então, na época era, propriamente, as histórias, o texto, né. Lia a história, aquelas que a gente consegue ler inteiro, a gente vivenciava junto com os personagens, parecia que eles eram reais, então era um contato, assim, no caso, eu na época criança, parecia que eu também fazia parte da história.

A senhora D. S., 60 anos, junto com o livro guarda, também, as lembranças das atividades de leitura realizadas na escola. Seu relato revela-nos uma prática de leitura direcionada, orientada pela professora. Havia uma forma, uma maneira de efetuar a leitura em sala de aula, uma postura do corpo, posição de mãos que acompanhavam o ato de ler a qual era ensinada:

Como a senhora lia este livro, era só na escola ou lia em casa também?

D. S. – Também... Era assim, a professora marcava a leitura... na... no tal dia tinha o dia... toda a semana tinha o dia da leitura e todos, todos os alunos faziam a leitura, aí tinha a postura... [ela ficou em pé, se posicionou e mostrou como se fazia a leitura] Ficava na frente da sala quando ia ler, pegava o livro com a mão [mão direita], ficava com a mão para trás [mão esquerda] e com o dedo no meio do livro, tinha que ficar assim. [risos]
[Tive que ajustar a filmadora]
Até isso a gente aprendia, postura para a leitura, a professora falava: “Fica com o corpo reto.”

Tinha que ler em pé?

D. S. – Em pé. Todos iam na frente pra ler e cada um lia o que tinha marcado, comentava sobre o que tava lendo, o que achou da leitura e era isso daí. E o bom desses livros é que as histórias dele são todas... assim... dando uma... um ensinamento... Tem uma do cavalo, que eu gostava muito: “A súplica do cavalo”, que ele fala que ele já está velho e pro dono dele não maltratar ele, não bate nele, quando ele não anda, porque ele já está cansado, pra olha os dentes dele porque, às vezes, ele sente dor. Interessante... Quase todas as histórias tem um ensinamento, tinha um ensinamento pra criança, né, eu acho isso muito bom.

A leitura aparece como uma atividade ensinada, aprendida e praticada. Os textos trazem ensinamentos de vida, histórias que refletem questões de comportamento.

D. S. – Muito, muito, gosto, sempre gostei muito de estudar. Essa quarta série me marcou muito, não sei, talvez porque tinha... me fez sentir muito valorizada, embora, assim, aquela criança pobre, simples, né, que em casa eles não valorizavam o estudo, então eu acho, né, me fez me sentir valorizada, porque recebi um prêmio na terceira série de melhor aluna e na quarta também, da classe, né, e quando me convidaram pra lê o discurso final, fazer, declamar essa poesia do Afonso Schmidt. Então, eu me esforçava muito, eu decorei todinho o discurso, era três folhinhas, assim, fininhas e compridas e eu decorei e

na hora levei só pra fazer de conta que eu ia ler. Eu tinha o maior prazer, eu queria fazer da melhor forma, sabe. Pra mim isso foi maravilhoso. Eu acho que a escola me fez sentir assim, valorizada, muito capaz.

A experiência de leitura, decorrente em uma instituição escolar, revela-se no depoimento da senhora D. S. como algo significativo. A escola é um ambiente que lhe aporta, que a atende em suas necessidades, desejos e expectativas, enquanto criança. Há um reconhecimento de suas capacidades, do seu bom desempenho no estudo e dada a circunstância escolar de ser escolhida a oradora da turma, possibilitou-lhe outras aprendizagens, como a autoconfiança. Foram experiências significativas vivenciadas na escola e que desencadearam sentimentos de valorização e satisfação pessoal.

A senhora C. F., 64 anos, guarda um almanaque que pertencera a seu pai. Esse material de leitura é um ecoar de recordações, possui uma magia que a transporta para um momento importante de sua vida: a infância. O objeto-livro assume um valor e, ao mesmo tempo, um poder por favorecer lembranças de um determinado tempo:

Quando você criança, que ele te deu para ler o livrinho, você consegue se lembrar? Como foi a história?

C. F.– Ah, sim. Um dia, porque meu pai tinha uma caixa grande, assim, de uns 70cm, de comprimento, por uns 40cm de altura, essa caixa de madeira, foi feita por ele, porque ele era muito habilidoso, tinha chave, ali ele guardava os seus tesouros... Sabe, meu pai era filho de europeus e os europeus prezam muito esta parte cultural, né, essa parte... ele tinha desde os primeiros cadernos dele de escola, tinha moedas antigas, era ali... ali era um baú de tesouro, e quando meu pai ia mexer no baú de tesouro eu ia correndo pra ver, só pra ficar olhando. Quando ele abriu o baú para tirar isso pra que eu lesse, eu quase morri de alegria, tomei todo o cuidado, todos tomaram. Já se passaram pra mim, que eu li, 59 anos.

Que ele está guardado faz 64 anos né?

C. F. – Ah, é... 64 anos... mesmo que ele está guardado. E meu pai leu várias vezes, ele comentava depois que lia, eu tinha cinco anos, ele comentava: “O que você achou disso?” E mostrava as figuras pra mim e eu ia contando pra lê, sabe, e ele se deleitava também.

A leitura mostra-se, também, como uma atividade realizada em um ambiente não-escolar, como por exemplo, numa residência, com membros da família e, mesmo sem as orientações do professor, é acompanhada de vários procedimentos. Uma leitura dirigida pelo pai, uma figura de autoridade, o qual organizava atividades leitoras seguindo certo ritual: lia-se o texto, lia-se e comentavam-se as imagens; lia com/para ele e lia-se sozinho. Depois de degustar a história, o material era guardado. Uma prática de leitura realizada com cada filho após a alfabetização.

Que significado tem hoje, Cida, pra você esse livro?

C. F. – Esse livro é o tesouro que eu guardo com todo o carinho, com todo cuidado. Porque é a lembrança do meu pai, que foi a figura masculina... mais importante da minha vida... Ele era uma pessoa que tinha pouca instrução... ele tinha pouca, assim... escolaridade, mas ele tinha a poesia no que ele falava, sabe,

ele olhava no morro onde havia os pés de eucalipto enormes e o sol se pondo, ele falava: “Filha olha, o sol se enroscou nos eucaliptos.” E eu ficava encantada, sabe, e eu falava: “Mas, pai hoje não vai haver noite? Nós vamos ficar sem...só de dia. Pega um bambu, pai, e vai desenroscar o sol.” Ele era assim, sabe, uma criatura mágica. (...)

E o livro é a materialização disso tudo...

C. F. - Tudo, pra mim é tudo, é... Quando eu toco assim, [colocou a mão sobre o livro] eu estou colocando a minha mão sobre a mão dele, com certeza.

Um material de leitura que carrega uma história de vida, de relação familiar, de um tempo, de uma pessoa marcante. Um almanaque que é vivo porque, além de possibilitar a rememoração de um momento vivido com uma pessoa significativa. A materialidade do impresso permite, não apenas, (re)criar a imagem daquele a quem um dia pertenceu, mas ainda, sentir a presença do antigo proprietário.

Em todos os relatos pudemos observar uma prática de leitura que fora efetuada para e com alguém, direcionada ou não pelo professor, que ora ocorrera num ambiente escolar ora em um ambiente familiar que, muitas vezes, fora acompanhada por uma pessoa significativa. Uma leitura que aconteceu como atividade, em que o leitor realizou com/sobre/junto ao seu livro de leitura.

Considerações finais

A partir dos relatos das experiências de leitura, é possível pensar no livro como um objeto que pode significar algo mais do que um simples encadernado de folhas sobrepostas e que pode assumir uma função um tanto mais ampla do que um depositário para um texto.

Compreender a ação ledora requer um reconhecimento e uma valoração das situações e experiências de leitura vivenciadas pelo leitor, na qual o sentido que será atribuído ao livro dependerá de tudo que foi vivenciado anteriormente, entendendo que “o sentido nasce, em grande parte, tanto desse exterior cultural quanto do próprio texto e é bastante certo que seja de sentidos já adquiridos que se nasça o sentido a ser adquirido.” (GOULEMOT, 2001, p.114).

Os depoimentos mostraram que as práticas de leitura não acontecem da mesma forma, mas que se constituem de maneiras e em locais distintos. Identificamos, então, como *escolares* aquelas que aconteciam exclusivamente em sala de aula, orientadas pelo professor, que seleciona e determina a leitura de pequenos textos, poemas ou letras de música, para posterior apresentação, seja para os colegas da classe, seja para toda a escola. Trata-se, portanto, de uma leitura ensinada, treinada, ensaiada e decorada, cobrada e exigida.

Sendo assim, uma experiência significativa de leitura, propiciada por um ambiente escolar ou por um outro não escolar, desempenha um papel fundamental na formação do leitor que se aventure pelas trilhas dos sentidos das misteriosas palavras, trilhas estas que podem ser percorridas a partir das indicações de um outro leitor.

As observações dessa pesquisa apontam que a constituição de um leitor não se restringe, apenas, à aquisição da leitura e da escrita ou à sua dimensão decodificadora, mas antes e, em tal

medida ao domínio dessa habilidade, estão os sentidos produzidos a partir das diversas experiências de leituras, propiciada por outro leitor e pela interação construída com e sobre a materialidade de um impresso, compreendendo que “ler é fazer-se ler e dar-se a ler.” (GOULEMOT, 2001, p.116).

Num período em que os discursos acadêmicos realizam discussões sobre assuntos como o fim do livro, a morte do professor, a falta de leitura ou a perda da infância, temos, em nossos depoimentos, representações outras da escola, do professor, da infância e, principalmente, do livro.³

(Re)descobre-se uma escola admirada e desejada pelos alunos, um professor que se torna um ídolo, uma figura admirável; a infância como um período de descobertas, um momento de criar; a presença de práticas de leitura, do valor dado à alfabetização, ao aprender a ler; circunstâncias essas sempre acompanhadas pela presença de um objeto-livro.

Verifica-se uma relação de envolvimento de atitudes concretas e afetivas entre o leitor e a leitura, em que o livro ganha um papel de agente condutor e propulsor de ações. Primeiro quando se efetivam as leituras; lê-se para/com alguém, comentam-se as imagens. Depois, pelas representações que lhe são atribuídas, pelas experiências de leitura com ele vivenciadas, o livro recebe a função de agente reconstituído de lembranças, de reminiscências, não apenas pelas atividades de leitura realizadas sobre sua materialidade, mas também pelas relações humanas (aluno-professor, pai/mãe-filha) que foram construídas a partir dele.

São todas essas diversas relações entre um leitor e seu objeto-livro que possibilitam a construção de um sentido e isso só é possível por meio das atitudes do leitor (GOULEMOT, 1996).

O livro traz mesmo uma *Dupla delícia*, como percebe Mário Quintana (2006, p.306) ao escrever: “O livro traz a vantagem da gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado”. Podemos destacar que o *estar acompanhado* por um *objeto-livro* é algo mais do que estar envolvido por um enredo, por uma narrativa ou por belos versos; é estar acompanhado e envolvido por tudo aquilo que o livro encarna e representa, pelos sentidos que lhe foram atribuídos mediante tudo o que um dia foi possível vivenciar e experimentar nele e com ele.

E essa *dupla delícia* se torna acessível apenas quando o leitor decide e permite compartilhar um pouco das muitas experiências de leitura que sua memória reconstrói:

[...] Se há maior desgraça do que ser desmemoriado, é ter memória demais. Vocês sabem como é, por experiência própria, quando a gente topa com um desses queridos avozinhos que se lembram de tudo: – Ah! Os bons tempos! – suspiram eles... e parapapapá.

Os bons tempos? Mas os tempos são sempre bons, a gente é que não presta mais.

Porém, em vista dos autos, melhor deveria dizer-se, com a mais legítima saudade:

– Ah, os bons maus tempos... (QUINTANA, 1989, p.97).

3 Cf. SOARES, M. *Linguagem e escola*. São Paulo: Editora Ática, 2000; BRANDÃO, C. R. *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998; ZILBERMAN, R. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.

Referências

- AMADO, J. *Capitães da areia*. 46.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- ANDRADE, C. Drummond de. *Literatura comentada*. 2.^a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. O livro no diálogo global entre culturas. In: PORTELLA, E., (org.). *Reflexões sobre os caminhos dos livros*. Trad. Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/ Moderna, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica. Arte e política*. Obras escolhidas. 7.^a ed. São Paulo, 1994.
- BOJUNGA, L. *Livro – um encontro*. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.
- BORGES, J. L. **Cinco visões pessoais**. Trad. De Maria Rosinda da Silva. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
- BRANDÃO, C. R. *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7.^a ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOULART, I. C. V.; FERREIRA, N. S. A. Os sentidos do livro. *Conectiva*. Pouso Alegre, ano V, v. 6, n. 9, 7-28, 2007.
- GOULART, I. C. V. *O livro objeto de estudo e de memória de leitura*. 2009, p. 189. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.
- GOULEMOT, J. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.
- LARROSA, J. B. *Pedagogia profana: danças, piruetas e máscaras*. Trad. Alberto Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas: n. 19, p. 20-28, 2002.
- LISPECTOR, C. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, A. M. *Esta força estranha: trajetória de uma autora*. São Paulo: Atual, 1996.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PORTELLA, E. *Reflexões sobre os caminhos dos livros*. Trad. Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/ Moderna, 2003.
- QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. 6.^a ed. São Paulo: Globo, 1989.
- _____. *Caderno H*. 2.^a ed. São Paulo: Globo, 2006.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.
- ZUSAK, Markus. *A menina que roubava livros*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.
Mestre em Educação pela FE/UNICAMP (2009). Integrante do grupo de pesquisa ALLE –
Alfabetização, Leitura e Escrita. Orientanda da Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.
E-mail: ilsa.vieira@uol.com.br

Recebido em 10 de outubro de 2011.

Aceito em 20 de janeiro de 2012.